



**UnB**

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

Taís Valeria Guerra Chaves

**O tradutor nos Estudos da Tradução no Brasil:**

um estudo de caso

Brasília

2019

Taís Valeria Guerra Chaves

**O tradutor nos Estudos da Tradução no Brasil:**

um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradução – Espanhol.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alba Escalante

Brasília

2019

Guerra Chaves, Taís Valeria

O tradutor nos Estudos da Tradução no Brasil: um estudo de caso  
/ Taís Valeria Guerra Chaves; orientadora Alba Escalante. -- Brasília,  
2019. 40 p.

Monografia (Graduação - Letras - Tradução - Espanhol) --  
Universidade de Brasília, 2019.

1. Tradutor. 2. Estudos da Tradução. 3. Brasil. I. Escalante, Alba ,  
orient. II. Título.

Taís Valeria Guerra Chaves

**O tradutor nos Estudos da Tradução no Brasil:**

um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradução – Espanhol.

**Data da aprovação:**

---

Alba Elena Escalante Alvarez – Orientadora  
Doutora em Estudos da Tradução  
Professora da Universidade de Brasília/Instituto de Letras/Universidade de Brasília

---

Gleiton Malta – Membro 1  
Doutor em Estudos Linguístico com ênfase nos Estudos da Tradução  
Professor da Universidade de Brasília/Instituto de Letras/Universidade de Brasília

---

Lily Martinez Evangelista – Membro 2  
Doutora em Espanhol/Literatura da América Latina do Século XX  
Professora da Universidade de Brasília/Instituto de Letras/Universidade de Brasília

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as professoras e a todos os professores do curso de Letras – Tradução – Espanhol da Universidade de Brasília pelos conhecimentos proporcionados ao longo destes anos e por sempre darem o melhor de si na construção e consolidação deste curso.

Agradeço à Professora Doutora Alba Escalante pelas sempre sábias orientações, pela alegria e paciência, e à Professora Doutora Lily Martinez por ter sido a primeira a me animar no mundo da pesquisa acadêmica.

Agradeço à minha família pelo amor e incentivo que nunca faltaram e sem os quais nada disso teria sido possível.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo possibilitar uma maior compreensão inicial da posição que o tradutor ocupa, enquanto objeto de estudo, dentro dos Estudos da Tradução no Brasil, com o intuito de identificar novas formas de visibilizar o tradutor, enquanto profissional, e melhor posicioná-lo na sociedade brasileira. Para tanto, realizou-se uma breve revisão bibliográfica de autores que já reivindicam a importância dos estudos voltados ao tradutor, seguida de um estudo de caso. Assim, no primeiro momento, “O tradutor nos Estudos da Tradução”, apresentam-se autores como Andrew Chesterman (2014), que defende uma ramificação dos Estudos da Tradução denominada os Estudos do Tradutor, e, no segundo momento, “O tradutor nos Estudos de Tradução do Brasil: um estudo de caso”, realizou-se um estudo de caso com base nas edições da revista Cadernos de Tradução, publicada pelo Núcleo de Tradução (NUT) da Universidade Federal de Santa Catarina, desde 1996. A metodologia utilizada consistiu na seleção de artigos, dossiês e entrevistas por meio da análise de títulos, resumos e palavras-chaves, seguida de uma análise quantitativa e qualitativa, na qual se realizou o agrupamento das publicações por temática predominante. Assim, a partir dos dados coletados, este trabalho apresentou uma primeira aproximação e um substrato inicial para futuras pesquisas que tentem trazer à luz a figura do tradutor.

**Palavras-chave:** Tradutor; Estudos da Tradução; Brasil.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo posibilitar una mejor comprensión inicial de la posición que el traductor ocupa, como objeto de estudio, dentro de los Estudios de la Traducción en Brasil, con vistas a identificar nuevas maneras de visibilizar el traductor, como profesional, y mejor situarlo en la sociedad brasileña. A tal fin, se ha realizado una breve revisión bibliográfica de autores que reivindican la importancia de los estudios orientados hacia el traductor, seguida de un estudio de caso. Por lo tanto, en el primer momento, “El traductor en los Estudios de Traducción”, se presentó autores como Andrew Chesterman (2014), que defiende un ramo de los Estudios de la Traducción llamado de Estudios del Traductor, y, en el segundo, “El traductor en los Estudios de Traducción de Brasil: un estudio de caso”, se realizó un estudio de caso basándose en la recogida de datos de las ediciones de la revista *Cadernos de Tradução*, publicada por el Núcleo de Tradução (NUT) de la Universidade Federal de Santa Catarina, desde 1996. La metodología utilizada fue la selección de artículos, dossier y entrevistas por medio del análisis de títulos, resúmenes y palabras-clave, seguida de un análisis cuantitativo y cualitativo, en el cual se ha realizado la agrupación de las publicaciones por temática predominante. De esta manera, a partir de los datos recogidos, este trabajo presentó una primera aproximación y un sustrato inicial para futuras investigaciones que intentem traer a la luz la figura del traductor.

**Palabras-clave:** Traductor; Estudios de la Traducción; Brasil.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Holmes (baseado em HOLMES, 1988).....	13
Figura 2 – Esboço acerca dos Estudos do Tradutor.....	17



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Publicações totais e selecionadas para o fim da pesquisa.....	21
Gráfico 2 – Data das publicações totais e selecionadas para o fim da pesquisa.....	21
Gráfico 3 – Data dos artigos e dossiês totais e selecionadas para o fim da pesquisa.....	22

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 O TRADUTOR NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO .....	13
3 O TRADUTOR NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO .....	19
3.1 Metodologia .....	20
3.2 Análise quantitativa .....	20
3.3 Análise qualitativa dos artigos e dossiês.....	22
3.3.1 Agrupamento por áreas temáticas afins.....	23
3.3.2 Discussão.....	25
3.4 Análise qualitativa das entrevistas .....	27
3.4.1 Agrupamento por áreas temáticas.....	27
3.4.2 Discussão .....	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	33
APÊNDICE A – ARTIGOS E DOSSIÊS .....	35
APÊNDICE B – ENTREVISTAS .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse em se investigar a posição que o tradutor ocupa nos Estudos da Tradução no Brasil partiu de uma analogia pensada durante a leitura do artigo “*Las versiones homéricas*” de Jorge Luis Borges, no qual o autor e tradutor afirma que a Odisseia, graças ao seu oportuno desconhecimento do grego, é uma livraria internacional de obras em prosa e verso (BORGES, 2003, p.1). A ideia de que, de uma obra, podem decorrer diversas traduções-versões, que a perpetuam em diferentes línguas, culturas e tempos, levou-me a pensar na tradução enquanto interpretação e no tradutor enquanto intérprete nas acepções que estas palavras têm no âmbito da música. Nessa analogia, o tradutor, assim como o intérprete musical, não só possuiria importante papel enquanto perpetuador de uma criação, como também possuiria uma pequena brecha criativa ao exercer essa tarefa. Assim, do mesmo modo que um pianista, o tradutor, ao interpretar uma obra, não apenas decodificaria o conjunto de sinais que conformam a partitura-texto, mas também apresentaria sua versão singular desta, merecendo receber do seu leitor um reconhecimento equiparado àquele que o primeiro recebe de seu público, o que não se verifica na prática.

No âmbito de trabalho do tradutor, o discurso no qual este é reiteradamente posicionado no lugar do erro e da imperfeição continua muito presente. Segundo Pagano (2010), a antiga e famosa expressão “*Traduttori, traditori*”, legitimada ao longo das épocas e culturas, ainda predomina nas conversas e nos comentários sobre a tradução. Para a autora, por ser frequentemente confirmada por meio da realização de trabalhos improvisados por pessoas não qualificadas, essa expressão tem sido “responsável pelo descrédito que a profissão recebe em alguns círculos” (PAGANO, 2000, p.14), somente sendo retificada a partir da ênfase que a tradução passou a receber nos centros de estudos e universidades. Assim, a academia, ainda que não exclusivamente, teria um papel no que se refere à reivindicação de maior reconhecimento e respeito pela profissão, combatendo os discursos de subalternidade do tradutor. Entretanto, é o tradutor um objeto de estudo frequente nos Estudos da Tradução no Brasil? E qual seria o teor de um estudo voltado ao tradutor?

Na busca dessas respostas, este trabalho primeiro apresenta uma breve revisão bibliográfica de autores que já reivindicam a figura do tradutor enquanto objeto de estudo e oferecem pistas com relação ao tipo de questões que uma pesquisa centralizada na figura do agente aborda. Depois, de forma exploratória, e por meio de um estudo de caso, tenta identificar se existem ou não produções acadêmicas voltadas ao agente dentro dos Estudos da Tradução

no Brasil. Assim, é objetivo geral deste trabalho possibilitar uma primeira aproximação aos estudos voltados ao tradutor, assim como possibilitar uma maior compreensão da posição que este ocupa, enquanto objeto de estudo, dentro dos Estudos da Tradução no Brasil.

Para tanto, esta pesquisa se divide em dois momentos. No primeiro, “O tradutor nos Estudos da Tradução”, apresenta-se, por meio da citada revisão bibliográfica, a fundamentação teórica que guiará toda a análise de dados posterior. Isto é, apresentam-se as novas tendências culturais e sociológicas, dentro dos Estudos da Tradução, que permitiram ampliar o objeto de pesquisa e passaram a justificar o estudo do agente envolvido no ato tradutório: o tradutor. Dentre as ideias teóricas apresentadas estão aquelas defendidas por Michaela Wolf e Erich Prunč, expostas no livro *Constructing a Sociology of Translation*, publicado em 2007, e Andrew Chesterman, expostas no artigo “O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor”, publicado originalmente em 2009.

No segundo momento, “O tradutor nos Estudos da Tradução do Brasil: um estudo de caso”, desenvolve-se o levantamento de dados referente à revista *Cadernos de Tradução*, publicada pelo Núcleo de Tradução (NUT) da Universidade Federal de Santa Catarina, realizando-se uma análise quantitativa e qualitativa destes. Neste ponto, serão abordados tantos os dados referentes às publicações acadêmicas que se inserem dentro do escopo teórico mencionado, como também as entrevistas com tradutores, que oferecem substrato para se aferir suas crenças perante a área da tradução, sua profissão, e a posição que ocupam no Brasil.

Foi inspiração e uma das bases desta investigação o artigo “Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990” de Adriana Pagano e Maria Lúcia Vasconcellos, publicado em 2003, no qual se apresentou a primeira tentativa de mapeamento dos Estudos da Tradução no país. Deste modo, a metodologia utilizada, no segundo momento, consistiu na seleção de artigos, dossiês e entrevistas por meio da análise de títulos, resumos e palavras-chave, seguida de uma análise quantitativa e qualitativa, na qual se realizou o agrupamento das publicações por temática predominante. Já no primeiro momento, como forma de contextualizar o tradutor enquanto campo de estudo, recorreu-se, como já mencionado, a uma revisão bibliográfica.

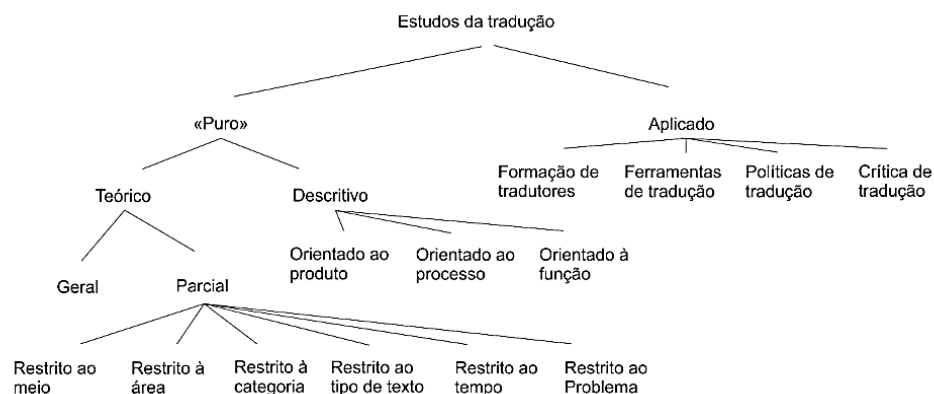
Por fim, importa destacar que esta pesquisa é uma primeira etapa de um projeto pessoal maior a ser aprofundado em especializações futuras e não tem a pretensão de apresentar um panorama amplo e abrangente, mas sim oferecer uma primeira aproximação e um substrato inicial para futuras pesquisas que tentem trazer à luz a figura do tradutor.

## 2 O TRADUTOR NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Tradutor e tradução estiveram sempre presentes ao longo da história da humanidade. Entretanto, enquanto campo ou disciplina de estudos, só começaram a ser institucionalizados a partir da segunda metade do século XX. Segundo Munday (2016), no mundo anglo-saxão, essa disciplina passou a ser generalizadamente conhecida como Estudos da Tradução graças à James S. Holmes que, em 1988, publicou o artigo *The name and the nature of Translations Studies*. Segundo Holmes (2000), depois de ser abordada, por séculos, de forma acidental ou incoerente por diversos autores, filólogos, teólogos, linguistas e outros estudiosos, a tradução, a datar da Segunda Guerra Mundial, passou a receber cada vez mais atenção por parte da academia, estabelecendo-se enquanto objeto de estudo. Assim, estudiosos passaram a migrar dos campos da linguística, filosofia, literatura, teoria da informação, lógica e matemática, para conformar o que viria a ser o campo de estudos voltados à tradução (HOLMES, 2000).

Esse dinamismo e interdisciplinaridade, entretanto, ainda segundo Holmes (2000), resultou em uma situação de aparente confusão, na qual não se atingia um consenso com relação aos tipos de modelos, métodos e à terminologia a serem aplicados, tornando-se difícil determinar os limites e o próprio nome da disciplina. É baseado nesse contexto que Holmes (2000), sugere o nome Estudos da Tradução para a disciplina que tem como objeto os problemas relacionados ao ato de traduzir e às traduções. Isto é, dois problemas essencialmente voltados a questões de processo e produto, para os quais Holmes (2000) ainda sugere um mapeamento como forma de organizar as futuras atividades acadêmicas a serem desenvolvidas. Para o autor, os chamados Estudos da Tradução dividiram-se em puros e aplicados e suas respectivas subcategorias, como pode ser verificado a seguir:

**Figura 1 – Mapa de Holmes (baseado em HOLMES, 1988)**



Fonte: Chesterman (2014, p.35)

Nesse mapeamento, observa-se que o tradutor só é mencionado expressamente quanto à sua própria formação acadêmica. Nesse contexto, o agente é, muitas vezes, esquecido e a tradução tende a ser vista através de uma perspectiva primordialmente linguística. Andrew Chesterman (2000), por exemplo, no capítulo *A Causal Model for Translation Studies*, sugere que, dentre os modelos tradicionais mais utilizados em tradução, estão o comparativo, o processual e o casual. No primeiro, comparam-se textos, ou seja, texto-fonte e texto-alvo ou traduções e textos paralelos. No segundo, observa-se o processo em todas as suas fases e sequências, buscando-se comportamentos típicos no processo tradutório como, por exemplo, a distribuição temporal de diferentes tarefas ou o mapeamento em fluxogramas do processo de tomada de decisão, e, no terceiro, criam-se hipóteses sobre as causas e efeitos com vistas a responder perguntas como “Por que o tradutor escreveu isto?” ou “Por que os tradutores daquele tempo e cultura traduziram desta maneira?”.

Esses modelos e essas metodologias voltados à tradução enquanto texto e ação, no âmbito das publicações acadêmicas em tradução, relegam os estudos do tradutor a um segundo plano, tornando-o refém de uma utópica fidelidade que nunca consegue ser satisfatoriamente atingida. Em 1989, por exemplo, Antoine Berman, no artigo “A Tradução e seus discursos”, ao analisar o discurso “tradicional” sobre a tradução, chama a atenção para o fato de que a atividade tradutória é, geralmente, acompanhada de um “discurso-sobre-a-tradução” e os tradutores relutam a falar sobre seu trabalho ou sobre a “teoria”, comparando-se a intuitivos ou artesãos. Desse modo, dentre as dez tarefas propostas dentro de sua tradutologia – isto é, da “reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência” (BERMAN, 2009, p.347) – o autor sugere o desenvolvimento de uma reflexão sobre o tradutor. Para Berman (2009), embora o tradutor tenha sido esquecido nos discursos sobre a tradução, existe uma ligação entre este e a escrita, a língua materna e as demais línguas. Portanto, mesmo que o tradutor apareça pouco dentro da literatura, o estudo de cada uma dessas aparições teria uma relevância bastante significativa.

Em consonância, em 1995, ao analisar as práticas relacionadas à tradução nos Estados Unidos, Lawrence Venuti, no livro *The Translator’s Invisibility – A history of translation*, também colocou a invisibilidade do tradutor em pauta quando demonstrou como os tradutores daquele país costumam se ocultar por meio de práticas de domesticação que privilegiam um texto fluido na língua e cultura de chegada. Venuti (1995) apontou que o produto resultante dessa prática, na qual se apagam imagens, metáforas e estilo do texto de partida, é considerado, sem maiores questionamentos, pelos seus leitores, a academia e a crítica literária como o

original. Isto, segundo o autor, gera dois problemas: a marginalização dos tradutores praticantes, que se tornam subservientes dos autores, relegando seu trabalho a um status derivativo e secundário, e não ao de uma escrita criativa de qualidade ou de análise literária crítica; e o apagamento das diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro. Desse modo, o tradutor, ao reforçar as ideologias já dominantes na cultura de chegada, perde a oportunidade de posicionar-se enquanto criador, crítico literário ou agente de transformação cultural, uma vez que se imiscui dessa responsabilidade e trabalha para perpetuar não só o apagamento das marcas do texto fonte, mas também o seu próprio.

A solução para essa problemática, ainda segundo Venuti (1995), seria a adoção de estratégias de estrangeirização. Isto é, a adoção de estratégias tradutórias que destaquem as diferenças linguísticas e culturais do texto de partida e combatam uma pretensa sensação de transparência, equivalência e invisibilidade. Venuti faz um chamado à ação, encorajando os tradutores a fazerem a diferença por meio de suas traduções e assumirem o seu papel de negociadores entre culturas (GENTZLER, 2009). Contudo, ainda que suas ideias tenham catalisado o debate sobre o papel do tradutor e tenha encontrado ressonância em muitas produções acadêmicas posteriores, buscaram solucionar a questão da invisibilidade/visibilidade do tradutor apoiando-se em estratégias, todavia, voltadas ao produto. Para o Venuti, a solução ainda se baseava em termos de fidelidade, a qual, segundo ele, deveria ser abusiva, de maneira que a visibilidade ao tradutor se daria no próprio texto e não através de outros recursos como, por exemplo, os paratextos (GENTZLER, 2009).

Devido a todo esse contexto de foco no processo, produto e fidelidade, para Erich Prunč, em seu artigo “*Priests, princes and pariahs – Constructing the professional field of translations*”, publicado em 2007, ao se analisar criticamente os Estudos da Tradução, percebe-se que estes, ao contrário do esperado, não só têm contribuído com a geração, mas também com a perpetuação, de concepções errôneas no que se refere à tradução e ao tradutor, que foi frequentemente posicionado, por estas, em um lugar de subalternidade. Para o autor, as noções, alicerçadas em concepções originárias da linguística, de que a tradução nada mais é do que uma cópia ou um similar e de que, portanto, é possível existir um “tradutor ideal” forçaram o tradutor à invisibilidade e ao status de mero transcodificador ou máquina de tradução. Segundo Prunč (2007), apenas quando os Estudos da Tradução deixaram de ser primordialmente voltados à análise linguística e intratextual, fechou-se o ciclo de exclusão daqueles que o autor chama de “tradutores reais” e do processo cognitivo inerente à esta prática.

Assim, o tradutor, enquanto objeto de estudo, não recobrou importância até a chegada do que se convencionou chamar de virada cultural e sociológica dos Estudos da Tradução. Foi a partir da virada cultural que ocorreu na década de 1990, que uma corrente teórica passou a admitir o caráter social da prática e a importância do agente. Segundo Michaela Wolf (2007), a chamada Sociologia da Tradução, quando admite a tradução como um produto de um contexto social, por um lado, traz à luz o fato de que o ato tradutório é realizado por indivíduos pertencentes a um sistema social, e, por outro, demonstra que a tradução ocorre em instituições sociais, que determinam a seleção, a produção, a distribuição e, conseqüentemente, as estratégias adotadas. Dessa forma, tradutores e pesquisadores da área são identificados como sujeitos que constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade, assumindo, inclusive uma função social e um lugar enquanto objeto de estudo nos Estudos da Tradução.

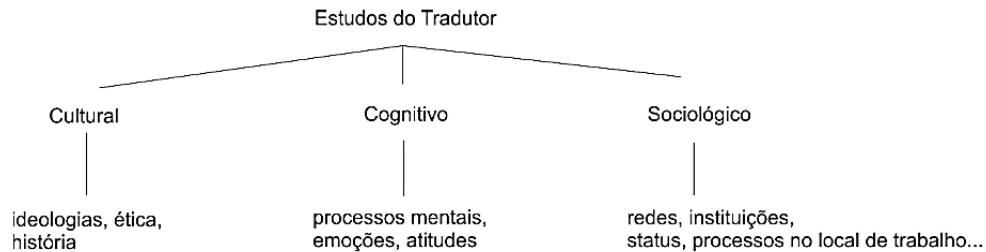
Para Andrew Chesterman (2014), por exemplo, uma sociologia do tradutor passa a incluir nos Estudos da Tradução temas como: o status do tradutor em diferentes culturas, as condições de trabalho e pagamento destes, o exemplo que estes seguem e assumem enquanto *habitus*, as organizações profissionais, os sistemas de creditações, as redes de contato, os direitos autorais, as questões de identidade sexual e ideológica, as motivações, as relações de poder, os discursos, e a atitude do tradutor perante o seu próprio trabalho, etc. Para Chesterman (2014), essas novas perspectivas podem chegar a criar, inclusive, um subcampo dos Estudos da Tradução, os chamados Estudos do Tradutor. Nas palavras do autor, “os Estudos do Tradutor englobam pesquisas que se concentram, principal e explicitamente, nos agentes envolvidos na tradução, por exemplo, em suas atividades ou atitudes, na sua interação com o meio social e técnico, ou na sua história e influência” (CHESTERMAN, 2014, p.40).

Dessa forma, os Estudos do Tradutor surgem de um modelo do agente, no qual se englobam tradutores e intérpretes, e passam a reivindicar o óbvio, ou seja, que por trás de toda tradução não automática existe um indivíduo. Segundo Chesterman (2014), para além do ramo de investigação textual, estes estudos se abrem para os ramos cultural, cognitivo e sociológico. Enquanto o ramo cultural aborda os valores, a ética, as ideologias, a tradição, a história, os papéis e a influência dos tradutores e intérpretes ao longo da história, o ramo cognitivo aborda os processos mentais, as tomadas de decisão, o impacto das emoções, as atitudes perante as normas, a personalidade etc. (CHESTERMAN, 2014). Já o ramo sociológico aborda o comportamento observável de tradutores e intérpretes enquanto indivíduo, grupos ou instituições, as redes de contato, o status e o processo de trabalho, a relação entre estes e outros grupos, a relação com as tecnologias, e assim por diante (CHESTERMAN, 2014).



Para esse novo subcampo, o autor propõe, à exemplo de James Holmes, o seguinte mapa dos Estudos do Tradutor:

**Figura 2 – Esboço acerca dos Estudos do Tradutor**



Fonte: Chesterman (2014, p.39)

Neste mapa, o tradutor passa a ser centralizado e dele decorrem as ramificações de estudos possíveis a serem realizados nas futuras atividades de pesquisa. Entretanto, este não foi o único trabalho a trazer o tradutor ao cerne do campo de estudo da tradução. Dam e Zethsen (2009), no artigo *Translation Studies: Focus on the Translator*, apresentam um compilado de outras publicações ou campos de estudo que também adotaram, ou já vinham adotando, essa tendência. Os estudos da interpretação, como um subcampo dos Estudos da Tradução, por exemplo, segundo os autores, tradicionalmente, demonstraram interesse no tradutor e no intérprete. Neste sentido, destaca-se o artigo *The Community Interpreter: A Question of Role*, de Bente Jacobsen, que explica como os estudos voltados ao intérprete têm, ao contrário de outros subcampos, priorizado o estudo tanto da percepção do papel, quanto do papel de fato, destes nas interações interpretadas (DAM; ZETHSEN, 2009).

São citados ainda, pelos autores, como artigos que buscam firmar esse viés de pesquisa, os trabalhos: *Humanizing Translation History*, de Anthony Pym, *Translators as Networkers: The Role of Virtual Communities*, de Hanna Risku e Angela Dickinson, *Meta-discourse as a Source for Exploring the Professional Image(s) of Conference Interpreters*, de Ebru Diriker, *Going Localised – Getting Recognised. The Interplay of the Institutional and the Experienced Status of Translators in the European Commission*, de Kaisa Koskinen, e *Translation Theory and Professional Practice: A Global Survey of the Great Divide*, de David Katan (DAM; ZETHSEN, 2009).

Anthony Pym, no artigo *Humanizing Translation History*, deplora a falta de atenção dada, até então, nos Estudos da Tradução, ao papel dos tradutores enquanto mediadores entre culturas e sugere duas metodologias principais como uma forma de “humanizar” este campo de

estudos, sendo uma delas, por exemplo, estudar o tradutor antes de estudar o seu processo tradutório (DAM; ZETHSEN, 2009). Já David Katan, no artigo *Translation Theory and Professional Practice: A Global Survey of the Great Divide*, investiga até que ponto essa nova crença, na academia, de que o tradutor tem gradualmente sido empoderado para intervir e mediar tem se refletido no ambiente de trabalho deste profissional, buscando descobrir se os tradutores se veem como criadores, ao invés de reprodutores de meras cópias, e se estes de fato podem ou conseguem controlar seus resultados (DAM; ZETHSEN, 2009).

Esse último tema das crenças compartilhadas por uma comunidade e seus efeitos para os tradutores também foi abordado por outros autores no âmbito da tradução. Gideon Toury, no artigo *The Nature and Role of Norms in Translation*, publicado em 1978 e revisado em 1995, afirma que a norma, criada com base nas ideias e valores de uma comunidade, refletem na performance do tradutor, uma vez que determinam, por meio de retroalimentação, o que é certo ou errado, ou o que é adequado ou inadequado. Ampliando essa noção, no artigo *Translators and (their) norms – Towards a sociological construction of the individual*, Meylaerts (2008) afirma que as variações e evoluções do perfil e das escolhas dos tradutores, além de estarem relacionadas com a dinâmica do próprio indivíduo e a internalização das normas socialmente construídas, também decorrem de um habitus do próprio tradutor, nos termos estabelecidos por Pierre Bourdieu e Daniel Simeoni. Assim, o habitus do tradutor, enquanto indivíduo, corrobora na manutenção ou na dinâmica das normas compartilhadas em sociedade.

Nesse mesmo sentido, John Milton e Paul Bandia (2009, p.9), na introdução de “*Agents of Translation and Translation Studies*”, afirma que para ser aceito na sociedade, manter seu emprego, ser publicado, conseguir bolsas de fomento, amigos e, até mesmo, manter-se fora da prisão, em alguns países, os tradutores devem seguir certas convenções, sendo que o estudo das normas e do habitus torna-se cada vez mais relevante. A partir do contexto brasileiro, os autores citam como exemplo de tradutor que tentou, de alguma forma, mudar elementos do habitus presente no país, Monteiro Lobato, que concedeu considerável liberdade aos tradutores, quando escolheu utilizar um português mais coloquial em suas traduções/adaptações de literatura infantil de língua inglesa e francesa. Além disso, John Milton e Paul Bandia (2009, p. 10), chamam a atenção para o fato de que os agentes, conscientemente ou não, também costumam agir de acordo com os seus próprios interesses. Assim, Lobato teria se utilizado da adaptação de *Peter Pan* para reafirmar sua posição anti-Getúlio Vargas, e os irmãos Campos teriam traduzido Mallarmé, Joyce, Cummings e Pound para promover o próprio programa de poesia concreta, com base no apoio desses precursores internacionais (MILTON; BANDIA, 2009).

Pode-se concluir, portanto, que quando se consideram os tradutores enquanto agentes merecedores de um estudo mais aprofundado, nota-se que, para além das características intrínsecas à obra, outros fatores influenciam e condicionam as estratégias tradutórias adotadas e, conseqüentemente, o produto final. A consciência da existência desses fatores extratextuais, condicionados social, cultural e cognitivamente, tornam difícil perpetuar o apagamento do tradutor e, talvez, reivindique um maior reconhecimento da profissão. À vista disso, a partir desta breve revisão bibliográfica de trabalhos publicados sobre o agente, tentou-se apresentar algumas das temáticas concernentes que poderiam ensejar estudos mais aprofundados dentro dos Estudos da Tradução no Brasil sobre o tema. Sendo assim, a seguir, inicia-se uma análise, através de um estudo de caso, sobre em que medida os Estudos da Tradução no Brasil também têm seguido este recente percurso de encontro ao tradutor.

### **3 O TRADUTOR NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO**

Para se aferir se o percurso percorrido pelos Estudos da Tradução, em âmbito global, também se repercute no Brasil, utilizar-se-á, neste trabalho, de um estudo de caso da revista *Cadernos de Tradução*, lançada na década de 1990. Isto, porque esta revista faz parte do rol dos periódicos mais importantes no que se refere à divulgação de estudos e pesquisas relacionadas à tradução no Brasil e oferece um importante material para estudantes de graduação e pesquisadores.

Publicada pelo Núcleo de Tradução (NUT) da Universidade Federal de Santa Catarina, desde 1996, este periódico se manteve constante, tendo crescido progressivamente, e alcançado, até o momento, o número de 53 edições. Tendo lançado um volume por ano até 1999, a revista ampliou suas publicações para dois fascículos anuais, em 2000, quando se ajustou às normas de auxílio do CNPq, e para três fascículos anuais, quando novas mudanças estruturais ocorreram, a partir de 2016, com a entrada desta para a coleção SciELO. Além disso, o periódico ainda possui edições especiais, podendo totalizar quatro ou cinco publicações ao ano.

Assim, de periodicidade quadrimestral, com publicações fixas nos meses de janeiro, maio e setembro, a revista não incorreu em interrupções desde o seu lançamento, e se tornou uma fonte propícia, enquanto estudo de caso, para se analisar a progressão de um tema do âmbito dos Estudos da Tradução ao longo dos anos no Brasil. Desta forma, a seleção desta revista se justificou tanto pelo volume, quanto pela frequência de suas publicações.

### **3.1 Metodologia**

A metodologia utilizada, nesta pesquisa, foi a de revisão integrativa e análise bibliométrica de publicações realizadas no estudo de caso em questão, isto é, da revista *Cadernos de Tradução*. Atualmente, este periódico divide seus conteúdos nas seguintes seções: artigos inéditos, dossiês, artigos traduzidos relacionados à área, resenhas de livros relativos à tradução (análise, teoria, história), resenhas de obras traduzidas, HQ's e respectivas traduções, e entrevistas com tradutores, professores e autoridades da área dos Estudos da Tradução e áreas afins.

Destes, para os fins desta pesquisa, foram selecionados apenas as entrevistas realizadas com tradutores, e os artigos originais e dossiês, que apresentassem no título as palavras “tradutor/tradutores”, “intérprete/intérpretes”, seus respectivos em outras línguas, ou termos equiparados que fizessem referência ao agente envolvido no ato tradutório. A exclusão das demais seções se justificou uma vez que o objetivo deste trabalho não é a verificação da presença de resumos de outras obras, comentários críticos ou traduções, mas sim da presença de publicações inéditas sobre o tradutor no país. Logo, após esta seleção, passou-se à análise das palavras-chave, dos resumos e do texto integral, quando necessário, de modo a se analisar e categorizar os temas abordados por essas publicações no que se refere ao tradutor.

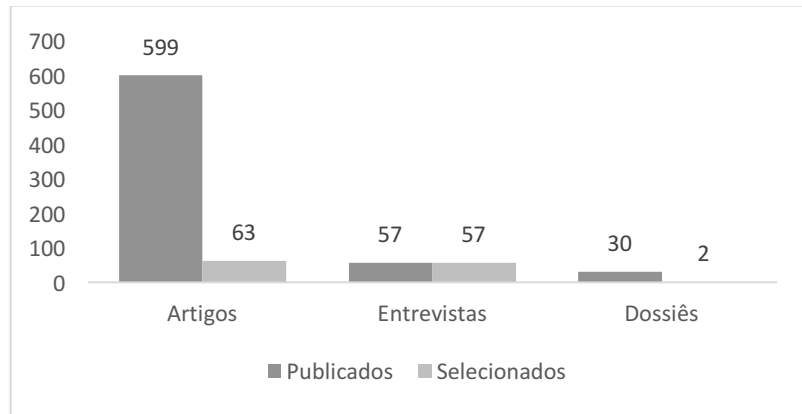
Cabe ressaltar que as entrevistas, por serem sempre realizadas com tradutores, foram consideradas inicialmente em sua totalidade, ainda que não trouxessem as palavras-chave mencionadas. Além disso, devido ao conteúdo e forma destas publicações, aplicaram-se critérios diferentes da análise dos artigos e dossiês. Com o auxílio do programa de análise de dados qualitativos MaxQda, no qual se podiam segmentar trechos das entrevistas, buscou-se identificar quais eram as percepções destes tradutores com relação à diversos aspectos e características da tradução, do tradutor e dos Estudos da Tradução no Brasil. Essa limitação geográfica ensejou dois critérios de seleção, dentro das já 57 entrevistas encontradas: (i) entrevistas com tradutores brasileiros; e (ii) entrevistas com tradutores estrangeiros residentes e atuantes no Brasil.

A seguir, são explorados tanto os dados quantitativos quanto qualitativos encontrados.

### **3.2 Análise quantitativa**

Na análise quantitativa, dos 599 artigos, 57 entrevistas e 30 dossiês, publicados desde 1996, na revista *Cadernos de Tradução*, foram encontrados, com base no critério estabelecido com relação ao título (fazer referência expressa ao tradutor ou intérprete), 63 artigos, 2 dossiês e 57 entrevistas, como pode se verificar no Gráfico 1. Portanto, das 659 publicações da revista, 122 mencionavam o tradutor, o que corresponde, aproximadamente, a 18,5% das publicações.

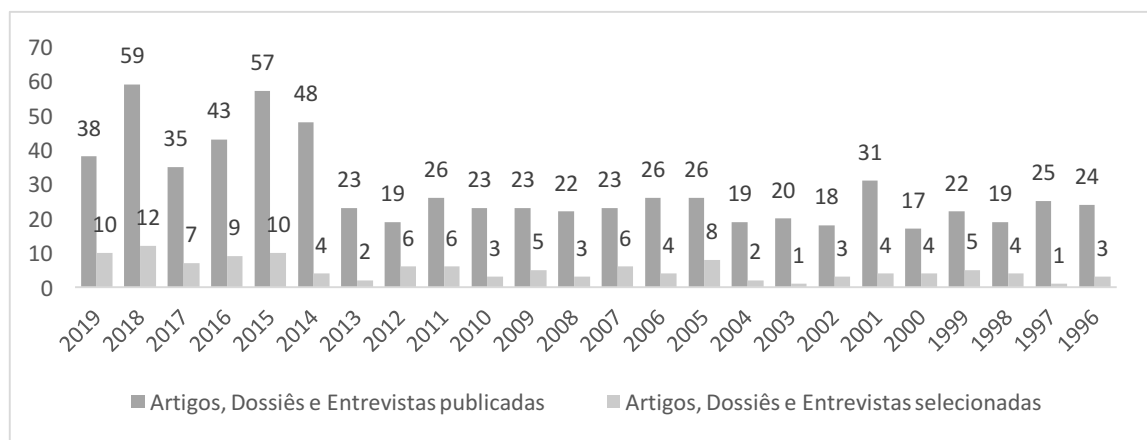
**Gráfico 1 – Publicações totais e selecionadas para o fim da pesquisa**



Fonte: Elaborado pela autora

Quando se analisam as publicações que mencionavam o tradutor de acordo com a data, percebe-se que ocorreu um aumento destas pesquisas ao longo dos anos. Atingiu-se, em 2018, o pico de 12 publicações referentes ao tema, sendo o mínimo de 1 publicação anual, como pode ser verificado no Gráfico 2.

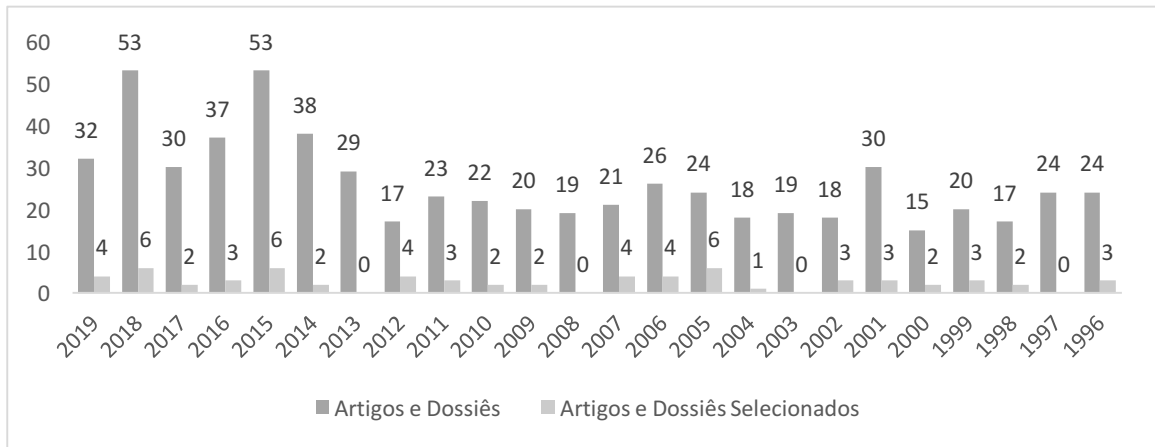
**Gráfico 2 – Data das publicações totais e selecionadas para o fim da pesquisa**



Fonte: Elaborado pela autora

Entretanto, esse crescimento sofre uma redução quando se analisa a progressão somente dos artigos originais e dos dossiês publicados. Nesse caso, o número máximo de publicações relacionadas com o tradutor em um ano foi de 6, havendo dois anos em que não foi publicado nenhum artigo ou dossiê sobre o tema, como pode se observar no Gráfico 3.

**Gráfico 3 – Data dos artigos e dossiês totais e selecionadas para o fim da pesquisa**



Fonte: Elaborado pela autora

Nesse caso, atingiu-se um máximo de seis publicações anuais, o que demonstra que, no que se refere a produções originais no âmbito dos Estudos da Tradução, o tradutor, se presente, ainda não aparece mencionado expressamente. A seguir, esses dados serão abordados qualitativamente, sendo artigos e dossiês analisados separadamente das entrevistas por apresentarem conteúdos nitidamente diversos.

### 3.3 Análise qualitativa dos artigos e dossiês

A primeira análise qualitativa, neste trabalho, foi realizada a partir da comparação entre os títulos dos artigos e dossiês selecionados, seus resumos e suas palavras-chave, como forma de se identificar as bases temáticas comuns com relação ao tradutor. Contudo, cabe salientar que, assim como, Pagano e Vasconcellos (2003) mencionaram em trabalhos anteriores de mapeamento dos Estudos da Tradução no Brasil, os títulos e as palavras-chave apresentaram grande heterogeneidade e nem sempre se corresponderam. Assim, esta análise, por suas limitações, não possui pretensões generalizadoras.

### 3.3.1 Agrupamento por áreas temáticas afins

Ao se comparar os títulos e as palavras chaves dos artigos e dossiês selecionados foram identificadas sete áreas temáticas predominantes e outros seis artigos foram agrupados conjuntamente por serem exemplares únicos de uma temática específica. Os resultados se apresentam a seguir:

(a) *Formação e competência dos tradutores*: dos 65 artigos e dossiês selecionados, 16 faziam menção expressa à formação e à competência dos tradutores, demonstrando preocupações relacionadas à formação de tradutores ou intérpretes, à grade curricular, ao ensino e aprendizagem, ao ensino de idiomas e Libras, às competências necessárias em tradução, ao perfil do profissional de tradução e à avaliação destes profissionais em provas, por exemplo, de concurso. Embora catalogadas nesta categoria, entretanto, estas publicações também apresentaram, em menor medida, temas relacionados à tecnologia e sistemas de memória de tradução, status do tradutor, mercado de trabalho e corpus.

(b) *Tradutores específicos*: 16 também foi o número de publicações que faziam referência a um tradutor ou tradutora específicos, seja com o propósito de se analisar o trabalho de tradução realizado por estes, seja para se traçar um perfil biográfico. Assim, abordaram-se tradutores como Pasoli, Lucas José d’Alvarenga, Rosa Chacel, Augusto de Campos, Czeslaw Milosz, Joseph Roth, D. Pedro II, Derrida, Maria Gabriela Llansol, Feri José Mariano da Conceição Veloso, Joaquín Arcadio Pagaza, Haroldo de Campos, Martin Buber, dentre outros. Neste tópico, apareceram palavras-chave como autoria, criação, tradutor-leitor, tradução criativa, tradução poética, história da tradução, tradução parafrástica, tradução literal, interiorização, interpretação e tradutores-escritores.

(c) *Tradutores e ferramentas de trabalho*: a preocupação com as ferramentas de trabalho do tradutor foi o terceiro tema mais abordados pelos artigos e dossiês coletados, sendo sete no total. Nesta categoria, eram os temas principais dos artigos a utilização de tecnologias, dos sistemas de memória de tradução, de dicionários, corpora e demais estratégias tradutórias. Dentre estes, o artigo intitulado “O tradutor (e o) dicionarista”, de Maria Celeste Consolin Dezotti, por exemplo, apresenta uma perspectiva do tradutor enquanto criador de novas palavras ou termos na cultura e língua de chegada.

(d) *Natureza e função do tradutor*: seis das publicações selecionadas foram categorizadas sob este tema. Estas traziam como objeto de estudo predominante a função, o papel, e a identidade do tradutor. O artigo “O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina”, de Juliana Aguiar Silva, Fátima de Gênova Daniel e Marileide Dias Esqueda, por exemplo, com um propósito similar ao deste trabalho, busca delinear o papel do tradutor, enquanto produtor de significados, por meio de uma análise das publicações da revista Cadernos de Tradução desde 1996 até 2000.

(e) *Tradutor, autoria e visibilidade*: os cinco artigos categorizados sob este tema apresentam discussões acerca do papel do tradutor enquanto indivíduo criativo por trás de suas traduções. Entretanto, neste tópico, título e palavras-chave não se correspondiam. Enquanto os títulos mencionavam palavras como autoria, escritor, representação do tradutor; invisibilidade e visibilidade, as palavras-chave denotavam o contexto ao qual aquele trabalho se limitava. O artigo “Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria”, de Lara Ferreira dos Santos e Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (2015), por exemplo, demonstra, no título e no resumo, a temática da possibilidade de criação e autoria do intérprete, mas tem como palavras-chave “Intérprete Educacional”, “Língua Brasileira de Sinais”, “Tradução e interpretação de/para Libras”, “Surdez” e “Educação Especial”.

(f) *Teoria da tradução*: cinco dos artigos selecionados, que traziam a palavra “tradutor”, trataram ainda de temas de relativos à teoria da tradução, mais especificamente, em sua maioria, à Walter Benjamin. Apenas um dos artigos selecionados, neste grupo, não tratou de Walter Benjamin, e sim da leitura que Rosemary Arrojo faz do conto “*Pierre Menard, autor del Quijote*” de Jorge Luis Borges, discutindo até que ponto este conto pode ser visto como uma obra sobre tradução.

(g) *História do tradutor*: quatro artigos foram classificados na categoria de estudos históricos sobre a figura do tradutor, trazendo como temas: intérprete, história do Brasil, contato linguístico, tradução oral, representação do tradutor, tradutores na história, dentre outros. Um exemplo de artigo da categoria que chama atenção para o apagamento do tradutor/intérprete ao longo da história é o intitulado “Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida”, de Dennys Silva-Reis e Marcos Bagno.



(h) *Artigos isolados*: outros artigos, por serem os únicos exemplares de uma temática específica, não ensejaram a criação de categorias, mas, a saber, tratavam dos seguintes temas: a condição de trabalho dos tradutores, a identidade de tradutor e intérprete, a psicologia de tradutores, novas modalidades de interpretação, o processo cognitivo do tradutor, e tradução audiovisual.

### 3.3.2 Discussão

Ao examinar a produção de teses e dissertações sobre a tradução no Brasil, entre as décadas de 1980 e 1990, Pagano e Vasconcellos (2003) já haviam, a partir da análise de palavras-chave, identificado, nessa época, um agrupamento com Foco no Tradutor dentro dos Estudos da Tradução no Brasil. Segundo as autoras, este agrupamento “concentrou-se no sujeito-tradutor, seja em sua formação, sua posição discursiva, sua visibilidade ou seu papel nos atos de tradução e/ou interpretação” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2003, p.12). As teses e dissertações que tratavam do tema, segundo as autoras, traziam a palavra “tradutor” ao lado de “tradução e interpretação”, “formação de tradutores”, “discurso/sujeito”, “Benjamin” e “visibilidade”. Já quando se analisam os agrupamentos encontrados na revista *Cadernos de Tradução*, de 1996 a 2019, embora referentes a um tipo de publicação diferente ao do analisado pelas autoras, pode-se observar um crescimento temático com relação às pesquisas que se voltam ao tradutor desde a pesquisa de Pagano e Vasconcellos (2003).

Os artigos e dossiês que tratavam da “formação dos tradutores”, por exemplo, embora já estivessem presente entre 1980 e 1990, e tenham representado um dos maiores agrupamentos desta pesquisa, não mais se restringiam à formação, mas também abordavam as competências necessárias ao tradutor, ao perfil do profissional da área, ao emprego de tecnologias e ao mercado de trabalho. O mesmo se observou com relação à “visibilidade”, uma vez que, ainda que as palavras-chave desse agrupamento não tenham se expandido, título e resumo traziam uma clara visão do tradutor enquanto indivíduo criativo e com poder autoral. Os agrupamentos desta pesquisa, contudo, não demonstraram apenas uma ampliação dos subtemas de agrupamentos já citados por Pagano e Vasconcellos (2003).

Algumas áreas temáticas ensejaram agrupamentos novos como foram aqueles referentes aos tradutores específicos; às ferramentas de trabalho; à natureza e função do tradutor; ao tradutor, à autoria e visibilidade; à história do tradutor, dentre outros. No que tange aos

tradutores específicos, por exemplo, as tentativas de se traçar um perfil biográfico e uma maneira de traduzir de tradutores reconhecidos demonstrar uma aproximação entre a academia e os “tradutores reais”, nos termos apresentados por Eric Prunč (2007). Além disso, quando se tenta analisar os processos mentais, as emoções e atitudes de um tradutor em particular, seu status e às redes à que pertencem, encara-se o tradutor enquanto agente inserido em um contexto social, cognitivo e cultural que o influenciam, como e dos Estudos do Tradutor, apresentados por Andrew Chesterman (2014).

Nesse agrupamento de “Tradutores específicos”, também foi onde mais se observou a presença de palavras-chave que relacionavam o tradutor com autoria, criação, tradutor-leitor, tradução criativa, tradução poética, tradução parafrástica, tradução literal, interpretação e tradutores-escritores, o que poderia ensejar o delinear de um habitus desses tradutores analisados e a verificação de se, ou como, podem ter influenciado na norma prevalente quanto à tradução em seus contextos sociais de origem.

Quanto ao agrupamento que reunia trabalhos sobre a história do tradutor, também foi possível verificar que o ramo social dos Estudos do Tradutor, como defendido por Chesterman (2014), prevaleceu. Estas publicações evidenciaram que o estudo da tradução está diretamente relacionado com o estudo do tradutor e sua evolução na história. Além disso, o artigo “Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida”, de Dennys Silva-Reis e Marcos Bagno (2016), por exemplo, evidenciou o que Dam e Zethsen (2009) afirmaram sobre os trabalhos sobre a interpretação, tradicionalmente, demonstrarem interesse na figura do intérprete. Ao que parece, à medida em que se passa de uma tradução oral para uma tradução escrita, o apagamento do tradutor parece ser facilitado.

Do mesmo modo, os agrupamentos relacionados com a natureza e função do tradutor, as ferramentas de trabalho, as condições de trabalho, a identidade, a psicologia e ao processo cognitivo de tradutores, atestaram novamente uma ampliação do escopo de pesquisa referente ao tradutor. Entretanto, ainda que mais amplo, estes estudos, todavia, são incipientes e nem sempre se encaixaram dentro da temática esperada. O tradutor foi mencionado no título de cinco artigos que, na verdade, tratavam de teoria da tradução e não dos temas voltados à uma perspectiva mais social e cultural. Assim, “Benjamin”, como no trabalho de Pagano e Vasconcellos (2003), também apareceu ao lado da palavra-chave “tradutor”, sem apresentar discussões diretamente relacionadas com a figura do tradutor tal qual se propões neste trabalho.

A seguir, em contraste ao que a academia considera ser importante com relação ao tradutor, serão analisadas as entrevistas dos tradutores com o objetivo de se verificar o que estes dizem sobre si mesmos ou as questões concernentes ao seu trabalho.

### 3.4 Análise qualitativa das entrevistas

A segunda análise qualitativa, neste trabalho, foi realizada a partir da seleção das entrevistas com tradutores. Assim, obedecendo-se os critérios, das 57 entrevistas levantadas, selecionaram-se 28, sendo que duas delas referem-se ao mesmo entrevistado, o tradutor Paulo Henriques Britto. A seguir, são apresentadas as percepções dos tradutores, agrupadas em áreas temáticas.

#### 3.4.1 Agrupamento por áreas temáticas

(a) *Percepção sobre o que é ser tradutor*: seis entrevistados apresentaram suas visões acerca deste tema. O tradutor foi mencionado como indivíduo que pode aproximar as gentes, possível criador do cânone literário e co-autor. Sérgio Medeiros (2015), em sua entrevista, afirma que:

O tradutor, tal como eu o imagino, é alguém que, em certas circunstâncias (estou pensando no meu próprio caso), pode acalentar a sadia pretensão de intervir no mercado editorial, lançando nele obras que estejam fora de circulação ou que sejam desconhecidas. Então, para mim, o ato de traduzir, encarado dessa perspectiva (a qual, enfático, é muito particular), é um gesto político. (MEDEIROS, 2015, apud. DEBUS, 2015, p.247)

(b) *Percepção sobre o que é tradução*: 14 entrevistados dividiram suas opiniões quanto ao que é uma tradução. Percepções mais flexíveis afirmaram que a tradução: tem como objetivo principal a comunicação; vai além do aprendizado da língua; é reflexão; o viés é inevitável; é co-autoria; pode ampliar a língua de chegada; é literatura vernácula; transcrição ou criação; ou transmissão aproximada de conteúdo e forma. Percepções mais rígidas apontaram que a tradução: deve tentar transmitir o espírito do original; deve ser transparente; maior aproximação com a língua estrangeira ou de chegada; é um ato de aproximação com o texto; deve ser fiel; tenta atingir a linguagem perfeita.

(c) *Percepção sobre formas de dar visibilidade ao tradutor*: 11 entrevistados falaram sobre a visibilidade do tradutor. No que tange à invisibilidade e transparência do tradutor, Paulo Henriques Britto (1997), afirma que:

o tradutor jamais pode ser transparente, que sua tradução sempre conterá marcas pessoais suas, que a postura de transparência pode até contribuir para a desvalorização do seu trabalho no mercado. No entanto, continuo achando que a minha meta, ao traduzir um texto literário, não pode ser outro que não tentar reproduzir no meu idioma, dentro das minhas possibilidades, os efeitos textuais do original. Ou seja: continuo querendo ser transparente, ainda que não tenha ilusões sobre a possibilidade de uma transparência absoluta (BRITTO, 1997 apud. DE TRADUÇÃO, 1997, p.469)

Quanto às formas de visibilizar o tradutor, apontou-se que este deve receber direitos autorais; deve ter visibilidade por meio das notas, glossários, prefácios/prólogos; abrir espaços de discussão da tradução e tradutor nas editoras; edições bilíngues; o nome do tradutor deve estar na capa, contracapa e folha de rosto; o tradutor pode publicar artigos sobre sua tradução; tradução e tradutor devem ser mencionados: resenhas e imprensa. Quando perguntado quanto à relevância dos paratextos, João Azenha (1998) afirmou que:

CT: Os prefácios das traduções ainda são significativos como antigamente?  
João Azenha: Acho que sim. Este é um dos espaços de que o tradutor dispõe para explicar a estratégia que adotou, para marcar os limites da sua leitura e fechar alguns flancos à crítica. Pena que tão poucos tradutores se utilizem disso, ou não consigam negociar com a editora esse espaço que é seu, mas que também revela a diretriz editorial. Acho que é uma questão de assumir publicamente um ângulo de visão em detrimento de outros. (AZENHA, 1998 apud. DE TRADUÇÃO, 1998, p.442)

(d) *Percepção sobre a realidade do tradutor no Brasil*: 16 tradutores apresentaram algum tipo de comentário sobre o status do tradutor perante as editoras, o mercado, a crítica, a academia, os sindicatos e associações no Brasil.

*Quanto à posição do tradutor*: há duas visões concorrentes. A primeira é que o reconhecimento do tradutor tem melhorado lentamente. A segunda, que traduzir é subemprego, hobby ou atividade paralela.

*Quanto à relação com as editoras e o mercado*: há duas visões concorrentes quanto à valorização do tradutor nas editoras. A primeira é a de que o tradutor possui boa relação com a editora, estas permitem notas de rodapé e outros paratextos e o tradutor é mencionado no livro. A segunda é a de que há um embate entre editoras e tradutores, sendo que estas nem sempre levam em consideração a afinidade tradutor-obra, há risco de plágio e os direitos autorais ainda não são plenamente garantidos. Nesta perspectiva,

o tradutor é pouco valorizado e mal remunerado. Para estes tradutores, o mercado é disputado, e desvaloriza o trabalho.

*Quanto aos sindicatos e associações:* para os entrevistados, ainda falta comunicação e mobilização entre os tradutores, mas as associações são importantes para definir a posição que o tradutor ocupa na sociedade.

*Quanto à crítica de tradução:* a maioria das percepções dos tradutores foi negativa. Para os entrevistados, a crítica tradutória é ausente ou precisa conquistar espaço; é difícil a crítica de tradução chegar ao leitor; geralmente, o tradutor não é mencionado; e as críticas costumam ser rasas, apontando apenas os erros de tradução. Além disso, afirmou-se que a crítica deveria considerar os critérios do tradutor, sendo que este deve também ser crítico e definir parâmetros claros.

*Quanto ao tradutor na academia:* apontou-se que a academia pode ajudar no reconhecimento do tradutor e da tradução, embora muitos tenham apontado que um tradutor não necessariamente precise de formação formal. Quanto ao tema, João Azenha (1998) afirmou que:

Quanto à academia, às vezes eu me pergunto se ela me abre portas para o trabalho como tradutor, ou se é o contrário. Afinal, eu traduzo profissionalmente desde 1982 e ingressei na Universidade em 1990. Acho que as duas atividades se complementam. E essa sintonia de alguma forma me autoriza a falar sobre tradução com alguma segurança. (AZENHA, 1998 apud. DE TRADUÇÃO, 1998, p. 438)

Além disso, também se mencionou a falta reconhecimento dos órgãos de fomento.

(e) *Percepção sobre o uso de teorias e Estudos da Tradução:* 13 entrevistados apresentaram suas crenças sobre este tópico. Quanto aos Estudos da Tradução, apontou-se, por um lado, que estes beneficiam o tradutor e tem implicações relevantes para a linguística a literatura e a filosofia, e, por outro, que os Estudos da Tradução não eram levados a sério. Quanto às teorias de tradução, apontou-se que estas são benéficas, mas não são utilizadas. Os tradutores, em sua maioria, afirmaram utilizar suas próprias teorias ou a teoria de outros tradutores. Assim, as teorias de tradução são importantes, benéficas, ajudam, mas a prática se sobressai.

### 3.4.2 Discussão

Quando um indivíduo fala ou age, este não está sozinho. Como afirmam John Milton e Paul Bandia (2009), o tradutor, enquanto indivíduo agente, segue e aceita certas convenções provenientes de uma norma não escrita. Assim, o tradutor está subjugado não só ao que acredita, mas ao que se acredita fora dele, de modo que é comandado, na hora de traduzir, não só pelas ideias que tem, mas, principalmente, que adota. Portanto, uma vez que o tradutor opera entre o eu e o outro, buscou-se, neste trabalho, a partir destas entrevistas, verificar pontos de encontro e desencontro no que se refere à visão dos tradutores sobre a sua profissão, seu status, etc. Essas visões condizem com aquelas apresentadas pela academia e os Estudos da Tradução?

No que se refere à percepção dos tradutores entrevistados sobre a sua profissão, a tradução e a visibilidade, pode-se perceber que a busca pelos “tradutores ideais”, como mencionado por Erich Prunč (2007), ainda é constante. Se, por um lado, admite-se que a tradução pode ser criação e co-autoria, por outro, os tradutores ainda demonstram uma grande preocupação com questões como fidelidade e transparência. Paulo Henriques Britto (1997), por exemplo, embora tenha afirmado que o tradutor jamais possa ser transparente e que a tradução sempre contém suas marcas, diz continuar tentando alcançar essa transparência. Isto é, embora saiba das limitações dos “tradutores reais”, continua buscando alcançar um ilusório posto de “tradutor ideal” em suas traduções literárias. Para ele, assim como para João Azenha (1998), o lugar para se dar visibilidade ao tradutor seriam os paratextos.

Por outro lado, para além de sua postura tradutória perante o texto, especificamente no agrupamento de percepções quanto ao tradutor, também pode-se observar o tradutor aparecendo enquanto indivíduo que possui seus interesses próprios. Sérgio Medeiros (2015), ao demonstrar uma “pretensão de intervir no mercado editorial, lançando obras”, de modo a encarar a tradução como um “gesto político”, faz lembrar do que John Milton e Paul Bandia (2009) exemplificaram com Haroldo e Augusto de Campos. Isto é, o ato tradutório como uma prática também enviesada pelo interesse do tradutor. Além disso, se existe esse desejo de alguns tradutores de se intervir no mercado editorial e de se tornarem participes na criação do cânone literário do Brasil, quais seriam os impasses encontrados? Teria a academia um papel na legitimação dessa pretensão?

Esses questionamentos levam à análise da percepção que os tradutores têm sobre a realidade do tradutor no Brasil. Quanto à primeira pergunta, verificou-se que, nas publicações analisadas, os entrevistados se dividiram entre uma visão otimista, na qual o tradutor vem sendo

lentamente reconhecido, e uma pessimista, na qual traduzir ainda é visto como subemprego, hobby ou atividade paralela. Assim, o primeiro impasse encontrado para uma posição mais ativa do tradutor dentro do mercado editorial, por exemplo, seria a sua ainda presente desvalorização enquanto profissional.

No que se refere à crítica literária, por exemplo, tradutores entrevistados, como José Roberto O’Shea (1999), Paulo Henriques Britto (1997) e João Ângelo Oliva Neto (2010), chamam atenção para o fato de que esta, muitas vezes, apenas menciona o tradutor para apontar seus erros, sem considerar o propósito e os critérios de seu trabalho. Isto é, julgam as traduções com base nos seus próprios parâmetros e não com base nos parâmetros estabelecidos pelo profissional ou por suas condições de trabalho, replicando um discurso no qual o tradutor é constantemente associado ao empobrecimento do texto original e das pretensas intenções de seu autor. Assim, na prática, o tradutor tem sido visto como uma etapa inevitável no processo de transmissão de um texto estrangeiro e não como um agente que pode agregar valor estético à obra.

Quanto à segunda pergunta sobre a academia ter ou não um papel nesse reconhecimento, muitos tradutores afirmaram, à exemplo de João Azenha (1998), que não necessariamente é preciso possuir formação para ser tradutor, mas que a academia, de alguma forma, poderia complementar a prática. Esse posicionamento denota certo afastamento, entre tradutor e academia. O tradutor, muitas vezes, não passou por uma formação na área e, portanto, ainda que reconheça a importância da academia, não a considera essencial para a sua existência. Isto também se verificou na percepção dos tradutores sobre a teoria.

Os tradutores, quanto a esse tema, em sua maioria afirmavam basear-se primordialmente na prática, utilizando teorias próprias, nem sempre esclarecidas nas entrevistas, ou pouco recorrendo à teóricos da tradução. Entretanto, é possível traduzir sem uma teoria prévia? Não estariam os tradutores, como afirma Antoine Berman (2009), relutando a falar sobre seu trabalho ou sobre a “teoria”?

Se há uma dialética de negociação e reconhecimento entre tradutor, academia e mercado de trabalho, estas entrevistas demonstraram que esta é marcada por uma relutância entre práticos e teóricos. Falta consenso com relação ao papel do tradutor, da academia e sobre as consequências disto. Reivindica-se que tradutor ainda não é reconhecido como poderia ou deveria, mas ele próprio ainda se invisibiliza em seu trabalho quando busca a transparência ou quando se imiscui de falar sobre o seu trabalho, teoria e sua posição tradutória.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida em que se reconhece a tradução como um produto social e não apenas linguístico, outras abordagens têm ultrapassado o estudo do processo e do produto para reivindicar questões relacionadas ao tradutor. Nesse sentido, a maior compreensão acerca da posição que o tradutor ocupa, enquanto objeto de estudo e enquanto profissional no Brasil, pode ser substrato para reforçar um movimento de maior valorização e reconhecimento da profissão.

Neste estudo de caso da progressão dos estudos referentes ao tradutor nas publicações realizadas na revista *Cadernos de Tradução*, desde 1996, observou-se que, todavia, há um longo caminho por percorrer no que se refere à exploração das possibilidades que este objeto de estudo enseja. Entretanto, quando comparado com estudos anteriores, pode-se verificar que já existe uma pequena ampliação temática das publicações que reivindicam o tradutor enquanto ponto de partida de suas reflexões.

Além disso, quando se analisa o que o tradutor diz sobre si mesmo e a realidade de sua profissão, percebeu-se a existência de divergências. Ora otimistas, ora pessimistas, as visões apresentadas pelos tradutores demonstram uma divisão entre aqueles mais favoráveis a uma posição proativa do tradutor, tanto na tradução, quanto no mercado e na academia, e aqueles que ainda tentam se apagar em seus trabalhos. Ademais, ainda parece haver um distanciamento entre estes, as teorias e os Estudos da Tradução.

Assim, retomando a analogia entre o tradutor e o intérprete musical, percebe-se que, aos poucos, o tradutor passa a reivindicar a mesma posição do intérprete, ao passo que, gradualmente, deixa de se desculpar por suas performances, e a academia legitima a tradução enquanto resultado do trabalho de um indivíduo inserido em uma conformação social e cultural específica.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. *In: Alea*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 341-353, Dec. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2009000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BORGES, Jorge Luis. Las versiones homericas. *In: El reverso del tapiz: Antología de textos teóricos latinoamericanos sobre la traducción literaria*. Budapest: Eötvös József, pp. 41-45. 2003. Otra ed.: La Prensa, (8 de mayo de 1932). Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/las-versiones-homericas/>> Acesso em: 01 de maio 2018.

CHESTERMAN, Andrew. A Causal Model for Translation Studies. *In: OLOHAN, Maeve* (ed.), **Intercultural Faultlines**. Manchester: St. Jerome Publishing, p. 15-27. 2000.

\_\_\_\_\_. O nome e a natureza dos estudos do tradutor. *In: Belas Infiéis*, 3(2), 33-42. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v3.n2.2014.11280>> Acesso em: 10 set. 2019.

DAM, Helle; ZETHSEN, Karen. Translation Studies: Focus on the Translator *In: Hermes – Journal of Language and Communication Studies*, n. 42, 2009.

DEBUS, Eliane. Entrevista com Sérgio Medeiros. *In: Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 246-251, ago. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n1p246/31103>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

DE TRADUÇÃO, Cadernos. Entrevista com o Tradutor Paulo Henriques Britto. *In: Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 467-495, jan. 1997. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5244/4631>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

DE TRADUÇÃO, Cadernos. com João Azenha Jr. *In: Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 437-446, jan. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5397>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

DE TRADUÇÃO, Cadernos. Entrevista com José Roberto O’Shea. *In: Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 4, p. 391-400, jan. 1999. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5543>> Acesso em: 31 out. 2019.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos. Entrevista com João Ângelo Oliva Neto. *In Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 25, p. 261, set. 2010. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v1n25p261>> Acesso em: 31 out. 2019.

HOLMES, James S. The name and nature of translation studies. *In*: VENUTI, Lawrence. (ed.), **The Translation Studies Reader**, 1st edition, London and New York: Routledge, pp. 172–185. 2000.

MEYLAERTS, Reine. Translators and (Their) Norms: Towards a Sociological Construction of the Individual. *In*: PYM, Anthony; SHLESINGER, Miriam; SIMEONI, Daniel. (ed) **Beyond Descriptive Translations Studies: Investigations in Homage to Gideon Toury**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p.91-102. 2008.

MILTON, John; BANDIA, Paul. Introduction: Agents of translation and translation studies. *In*: MILTON, John; BANDIA, Paul (eds.). **Agents of translations**. Amsterdam: John Benjamins. p. 1-18. 2009.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing translation studies: theories and applications**. 4<sup>a</sup> ed. New York: Routledge, 2016.

PAGANO, Adriana. Crenças sobre a tradução e o tradutor. *In*: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, p. 9-28. 2000.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. spe, p. 1-25, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300003&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 17 de set. 2019.

PRUNC, Erich. Priests, Princes and Pariahs: Constructing the Professional Field of Translation. *In*: WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra. (eds.) **Constructing a Sociology of Translation**. New York/Amsterdam: John Benjamins, 2007.

TOURY, Gideon Toury. The nature and role of norms in translation. *In*: VENUTI, Lawrence. (ed.), **The Translation Studies Reader**, 1st edition, London and New York: Routledge, pp. 197–211. 2000.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's invisibility: a history of translation**. London/New York: Routledge, 1995.

WOLF, Michaela. Introduction: The Emergence of a Sociology of Translation. *In*: WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra. (eds.) **Constructing a Sociology of Translation**. New York/Amsterdam: John Benjamins, 2007.

## APÊNDICE A – ARTIGOS E DOSSIÊS

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
1996	A missão do tradutor - aspectos da concepção benjaminiana de linguagem e tradução	Mauri Furlan
1996	Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor	João Azenha Jr.
1996	Duas leituras sobre a tarefa do tradutor de Walter Benjamin	Josalba Ramalho Vieira
1998	“A tarefa do tradutor” e o seu duplo: a teoria da linguagem de Walter Benjamin como teoria da traduzibilidade	Susana Kampff Lages
1998	Tradução automática: uma ferramenta de auxílio ao tradutor	Carolina Alfaro e Maria Carmelita P. Dias
1999	La tâche du traducteur : de W. Benjamin à Hölderlin	Kathrin H. Rosenfield
1999	‘Now you see ‘em’: the visibility of scots translators	John Corbett
1999	Heterogeneidade e função tradutor	Solange Mittman
2000	Training functional translators	Christiane Nord
2000	“Boat race night”: P.G. Wodehouse and his Spanish translator	Nicholas G. Round
2001	A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução	Ruth Bohunovsky
2001	Os tradutores de Alice e seus propósitos	Flávia Westphalen, Nicole Boff, Camila Gregoski e Pedro M. Garcez
2001	Um estudo de expressões cristalizadas do tipo V+SN e sua inclusão em um tradutor automático bilíngüe (português/ inglês)	Milena Uzeda Garrão e Maria Carmelita Pádua Dias
2002	Autonomy in translation: approaching translators’ education through awareness of discourse processing	Fabio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano
2002	Translation history in Latin America: a corpora-based analysis of the strategies used by a literary translator during the 1930-1950s Brazilian publishing boom	Adriana Silvina Pagano
2002	Os corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor	Stella E. O. Tagnin
2004	Tradução, cognição e tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador.	Fabio Alves
2005	O sujeito tradutor entre a “sua” língua e a língua do outro.	Maria José Rodrigues Faria Coracini

2005	Haroldo de campos e Martin Buber como tradutores bíblicos: semelhanças e diferenças em suas agendas analisadas à luz da teoria da relevância.	Geraldo Luiz de Carvalho Neto
2005	Em busca do tradutor: Proust e Mérimée por Mário Quintana.	Claudia Borges de Faveri, Eleonora Castelli
2005	Tradutor – em busca de novos rumos.	Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho
2006	Novos desafios na formação de tradutores.	Marcia Amaral Peixoto Martins
2006	Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor.	José Luiz Vila Real Gonçalves, Ingrid Trioni Nunes Machado
2006	Investigando o papel do monitoramento cognitivo-discursivo e da meta-reflexão na formação de tradutores.	Célia Magalhães, Fábio Alves
2006	Do ensino da terminologia para tradutores: diretrizes básicas.	Maria da Graça Krieger
2007	On the use of a Portuguese-English parallel corpus of children’s fantasy literature in translator education	Lincoln Paulo Fernandes
2007	O papel do tradutor e seu enfoque nos cadernos de tradução da universidade federal de Santa Catarina	Juliana Aguiar Silva, Fátima de Gênova Daniel, Marileide Dias Esqueda
2007	Joaquín arcadio pagaza, traductor de Virgilio.	Sergio López Mena
2007	As condições de trabalho do tradutor.	Paulo Henriques Britto
2009	A representação do participante “tradutor/translator” em Translators Through History e os tradutores na história	Lilian Fleuri, Maria Lúcia Vasconcellos, Adriana Pagano
2009	Brasileiro tradutor e/ou traidor: Frei José Mariano da Conceição Veloso.	Alessandra Ramos de Oliveira Harden
2010	Tradutor e intérprete de língua de sinais: história, experiências e caminhos de formação	Gisele Iandra Pessini Anater, Gabriele C. R. dos Passos
2010	Maria Gabriela Llansol retradutora de Charles Baudelaire	Álvaro Faleiros
2011	Um tradutor é um escritor da sombra? Variações sobre a ontologia da tradução.	Márcio Seligmann-Silva
2011	O tradutor sob o prisma do autor: a representação do tradutor na literatura.	Alessandra Matias Querido
2011	Design da semipresencialidade na formação de tradutores técnico-científicos, do português ao espanhol.	Anabel Galán-Mañas
2012	D. Pedro II tradutor: análise do processo criativo	Sergio Romanelli, Adriano Mafra, Rosane Souza
2012	A inquietude do tradutor: notas sobre uma lógica das partes em la chute du ciel	Evelyn Schuler Zea

2012	A importância do trabalho do tradutor Derrida para o trabalho do filósofo Derrida	Erica Luciene Lima de Paulo
2012	Investigando o processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português	Aline Alves Ferreira
2014	Joseph Roth, tradutor do império perdido	Luis S. Krausz
2014	Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio	Ana Regina e Souza Campello
2015	Augusto de campos tradutor de Emily Dickinson	Fernanda Maria Alves Lourenço, Karine Simoni, Silvia La Regina
2015	Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro	Vanessa Regina de Oliveira Martins, Vinícius Nascimento
2015	Depictions y minificción: una reflexión sobre la traducción del microrelato como didáctica para la formación de intérpretes de lengua de señas en Colombia.	Alex Giovanni Barreto, Román Santiago Artunduaga
2015	Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria	Lara Ferreira dos Santos, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda
2015	La traducción editorial en España: demandas y competencias profesionales del traductor de libros en los ámbitos filosófico y sociopolítico	Mercedes Enríquez-Aranda
2015	Um diálogo no meio do caminho: Czesław Miłosz leitor e tradutor de Carlos Drummond de Andrade	Marcelo Paiva de Souza
2016	Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida	Dennys Silva-Reis, Marcos Bagno
2016	O que é preciso para ser tradutor?: estudo de caso – Macau (China)	Maria de Lurdes Nogueira Escaleira
2016	¿Qué es un traductor?	Martha Martha Pulido
2017	O tradutor-leitor de Maurice Blanchot	Davi Andrade Pimentel
2017	Pierre Menard, tradutor logocêntrico: uma reavaliação da análise de Rosemary Arrojo de “Pierre Menard, autor del Quijote”	Fabiano Seixas Fernandes
2018	Lucas José d’Alvarenga, tradutor de safo	Gracinéa Imaculada Oliveira, Felipe Coelho de Souza Ladeira
2018	O tradutor como testemunha	Anna Basevi
2018	O tradutor (e o ) dicionarista	Maria Celeste Consolin Dezotti
2018	Análisis del desempeño de candidatos a traductor e intérprete oficial en Colombia	Juan Felipe Zuluaga Molina, Gabriel Ángel Quiroz Herrera

2018	Medir la progresión de la comprensión lectora en la enseñanza de lengua extranjera para traductores: una experiencia de evaluación	Lupe Romero
2018	Rosa Chacel: novelista y traductora española exiliada	Lieve Behiels
2019	Narrativas como abordagem à identidade de intérpretes	Werner L. Heidermann, Markus J. Weininger
2019	Pasoli tradutor da Eneida de Virgílio	Pedro Falleiros Heise
2019	Uma abordagem reflexiva de ensino de prática de tradução (semi-)automatizada para formação de tradutores	Érika Nogueira de Andrade Stupiello
2019	Autoconfianza versus autoeficacia del traductor: propuesta terminológica y estado de la cuestión	María del Mar Haro Soler

## APÊNDICE B – ENTREVISTAS

Ano	Título
1997	Entrevista: Paulo Henriques Britto
1998	Entrevista: Maria Cândida Bordenave
1998	Entrevista: João Azena
1999	Entrevista: Boris Schnaiderman
1999	Entrevista: José Roberto O'shea
2000	Entrevista: Marco Lucchesi
2001	Entrevista: Lia Wyler
2003	Entrevista com Eglê Malheiros
2004	Ivo Barroso, um tradutor de obras completas
2005	Henryk Siewierski, um mediador múltiplo
2007	Mônica Cristina Corrêa
2007	Dorothee de Bruchard
2008	Entrevista com Augusto de Campos
2009	Entrevista com Aldyr Garcia Schl
2010	Entrevista com João Ângelo Oliva Neto
2012	Entrevista com Horácio Costa
2013	Interview-Mamede Mustafa Jarouche
2015	Entrevista com Didier Lamaison
2016	Entrevista com Paulo Henriques Britto
2016	Entrevista com Sérgio Medeiros
2017	Entrevista com Fábio Fernandes
2017	Nilson Moulin: um tradutor sem meias palavras
2018	Entrevista com Mário Laranjeira
2018	Entrevista com Leonardo Fróes
2018	Entrevista com Talita Guimarães Sales Ribeiro

2019	Entrevista com Elizabeth Ramos
2019	Entrevistas a autores e tradutores do Rio Grande do Sul
2019	Entrevista com Olga Savary